

## RESUMO

SALGADO, Aline Silva. **A Revolta contra a vacina: A vulgarização científica na grande imprensa no ano de 1904.** 2018. 131f. Dissertação (Mestrado em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro: 2018.

Meio não formal de divulgação científica, a mídia tem sua função social atrelada à difusão de temas da ciência que impactam no cotidiano da sociedade. Jornalistas e articulistas são, assim, compreendidos como transmissores e produtores do conhecimento científico. Ou, nas palavras de Jean-François Sirinelli, como “intelectuais-mediadores”. Com base em referenciais teóricos da Divulgação Científica, da História da Ciência e da Saúde no Brasil, bem como da História do Jornalismo, neste trabalho examinamos como a grande imprensa atuou como mediadora e produtora cultural da “vulgarização do conhecimento científico”, termo nativo da época, num momento bastante controverso do debate sanitário e político no Brasil: os meses que antecederam à Revolta da Vacina, ocorrida no Rio de Janeiro a partir de 10 de novembro de 1904. Para atingir esse objetivo, analisamos as edições dos jornais *Correio da Manhã* e *Gazeta de Notícias* de 1º de janeiro a 10 de novembro de 1904, veículos de expressiva circulação na época e que se posicionaram contra e pró-governo, respectivamente, pela aprovação do projeto de lei que tornava obrigatória a vacinação e revacinação antivariólica, e que levou à Revolta da Vacina. O recorte temporal restrito se justifica pela intensidade dos debates sobre a vacina, consequência do avanço do projeto de Lei no Senado (votado em 20 de julho), e na Câmara, aprovado em caráter definitivo em 26 de outubro. Só no *Correio da Manhã*, as menções à vacina antivariólica ou à vacinação apareceram 213 vezes no período, sendo 206 só no 2º semestre. Escolhemos analisar as discussões antes da Revolta também por considerarmos que as ações de vulgarização científica nos jornais contribuíram para a eclosão do movimento. Ao investigar a maneira como a vulgarização da ciência era feita na grande imprensa, foi possível verificar a complexidade da mediação científica no período, marcado pelo conflito geracional entre culturas científicas e pelos embates que envolviam a cidadania, como o direito à liberdade de decisão sobre o próprio corpo. Nos jornais, dentre as ações de comunicar ou de “traduzir” a ciência para um público de não especialistas, destacam-se as colunas de dois grupos de “intelectuais-mediadores”: o médico e deputado republicano Bricio Filho, no *Correio da Manhã*; e os médicos da Associação dos Empregados no Commercio do Rio de Janeiro, republicanos e apoiadores da microbiologia, que escreveram na *Gazeta de Notícias*. Essas colunas nos apontam para a transformação e migração dos espaços de popularização da ciência, que até o século XIX estiveram presentes nos romances científicos, nas conferências, cursos, museus, exposições e nas revistas e jornais especializados. Além disso, os textos nos fazem refletir sobre o tipo de mediação estabelecida na época, que em certo aspecto considerou o diálogo de mão dupla, isto é, a troca com o público-leitor. Por meio desta dissertação, procuramos trazer um novo olhar para a historiografia da Divulgação Científica, que tem identificado a existência de um vazio nas ações de divulgação científica nos anos iniciais do século XX, segundo aponta Luisa Massarani (1998). Buscamos assim contribuir para os estudos na área.

Palavras-chave: Divulgação científica. Intelectuais. Revolta da Vacina. Imprensa. Rio de Janeiro